

Deslocamento de identidade em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato

André Natã Mello Botton*
Paulo Ricardo Kralik Angelini**

RESUMO: O presente texto pretende analisar a identidade, mais precisamente, as mudanças causadas pelo deslocamento de país na identidade do personagem Serginho, em *Estive em Lisboa e lembrei de você*. De maneira comparativa, entre as duas partes do romance, espera-se perceber de que modo o espaço influencia nesse deslocamento identitário a partir de teóricos que discutam os conceitos de *identidade* e de *deslocamento*.

Palavras-chave: identidade; deslocamento; espaço; literatura brasileira contemporânea.

Pensar a identidade de um personagem dentro de um romance implica perceber os seus desdobramentos e caminhos que o moldaram até um determinado momento. A epígrafe da narrativa de Ruffato já antecipa essa discussão, ao apresentar um poema de Miguel Torga, um dos mais importantes escritores portugueses do século XX, que, não por acaso, também foi um imigrante – veio para o Brasil trabalhar com o seu tio e mais tarde retornou para Portugal. O tema da poesia de Torga é justamente a saudade do Brasil, “Que milhas de angústia no mar da saudade!”. O interessante é perceber justamente o oposto entre o texto narrativo de Luiz Ruffato e o poema de Miguel Torga: o primeiro vai apresentar um narrador que saiu do Brasil e foi tentar a vida em Portugal e que ainda não vê expectativa ou possibilidade de retorno; já o eu-lírico de Torga veio para o Brasil e retornou para Portugal, e agora pode dizer-se órfão daquele país. Ambos os textos percorrem um caminho ou discutem essa mudança de território e deslocamento possível de identidade.

Nessa perspectiva de mudança e de diferença dentro dos caminhos migratórios é que Luiz Ruffato vai estruturar a história de Serginho. *Estive em Lisboa e lembrei de você* é um texto que aciona dentro da literatura brasileira contemporânea uma discussão acerca do deslocamento territorial e, por sua vez, de mudança identitária, visto que ao sair do seu local, Serginho precisa se acostumar com a nova vida em Portugal. Dividido em duas partes, o narrador autodiegético conta a sua experiência antes da partida para Lisboa, quando decide ir para fora do Brasil, as suas motivações, a partida, a chegada em Lisboa, o processo de adaptação até a perda de seu passaporte, momento em que se aceita como clandestino. O livro foi publicado em 2009 no Brasil, no contexto do prêmio Amores Expressos, e em 2010, em Portugal, pela editora Quetzal, com o título *Estive em Lisboa e lembrei-me de ti*. Além disso, a obra literária foi adaptada para o cinema em 2016, por José Barahona, com o mesmo título.

Identidade e deslocamento

Refletir o conceito de “identidade” no mundo contemporâneo é olhar para as relações humanas que estão na base de toda sociedade. A dita “crise” identitária está muito mais voltada para uma falta de alteridade do que qualquer outra coisa. Ainda assim, essa “crise” existe em relação a quê? A uma noção essencialista da identidade? Ou à não-essencialidade desse conceito? Em certa medida, a facilidade para os deslocamentos tem contribuído para a sensação de perda ou falta de identidade. No entanto, as relações sem consistência e interesseiras contribuem para aumentar esse vazio que o homem preenche com qualquer outra coisa, menos com relações reais, olho-no-olho. A literatura, como um sistema cultural que influencia a formação e a transformação das identidades, continua a

questionar concepções fundamentais que discutem identidade e essas relações de alteridade.

É importante destacar que uma identidade não é definida biologicamente, mas historicamente, ou seja, nas relações e na construção social do sujeito, pois este adquire em diferentes momentos, diversas identidades conforme a sua necessidade. Kathryn Woodward, em *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*, aproxima o conceito de “identidade” com o de “social”, “a identidade está vinculada *também* a condições *sociais* e *materiais*. Se um grupo é simbolicamente marcado como o inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais.” (2014, p.14, grifos da autora). A interação social é que vai definir a identidade do sujeito. No contato com o outro é que o *eu* vai ser capaz de moldar a sua identidade a partir dessa interação e também no momento em que entra num meio social será influenciado pela materialidade e pelos símbolos próprios daquele espaço.

Semelhante discussão apresenta Eric Landowski, na obra *Presenças do outro*. O autor afirma que “toda a diferença de comportamento um pouco marcada, pela qual o estrangeiro trai a sua proveniência, parece, para ele (o grupo dominante), extravagância despida de razão” (LANDOWSKI, 2012, p.6). Landowski debate um processo que denomina de assimilação. Assimilação que deveria ser executada pelo estrangeiro que chega: sua quase obrigação de moldar-se ao estilo de vida daquele espaço em que ele agora se encontra. Toda a sua bagagem pessoal pode, ou melhor, deve ser abandonada, “o que ele precisa perder de si mesmo para aí se dissolver como lhe recomendam não conta” (p.7). É quase assumir uma capa de invisibilidade: este outro que se mistura com nativos deve passar-se por um nativo. Landowski considera que esta diferença de comportamento, por vezes, constrói um conceito de excentricidade. E essa excentricidade, longe de seu contexto, é acentuada porque os estrangeiros “criam desordem, e sua incongruência logo os torna insuportáveis” (Ibidem, p.7).

Porque o espaço

é uma dimensão implícita que molda nossas cosmologias estruturantes. Ele modula nossos entendimentos do mundo, nossas atitudes frente aos outros, nossa política. Afeta o modo como entendemos a globalização, como abordamos as cidades e desenvolvemos e praticamos um sentido de lugar. Se o tempo é a dimensão da mudança, então o espaço é a dimensão do social: da coexistência contemporânea de outros. (MASSEY, 2008, p. 15 apud DALCASTAGNÈ, 2014, p. 33).

Assim, ao pensar o conceito de “identidade” é necessário olhar para esses dois elementos: o social (o meio da interação do sujeito com outros eus e da sua materialidade) e o espaço propriamente dito que circunda essa interação. Conforme Massey, um está no outro (“o espaço é a dimensão do social”), mas o social precisa ser pensado no momento da interação, ou seja, aquilo que o contato entre dois agentes aciona na relação; já o espaço, como o lugar da ação, com o “sentido de lugar”. Nesse sentido, o espaço não é estático, mas móvel; é um campo simbólico no qual diferentes sujeitos se cruzam. Logo, com essa possibilidade de mudança do próprio espaço, as identidades também são moldadas e acabam sendo alteradas pelo contato com o outro.

Da mesma forma para Stuart Hall, o sujeito possui um núcleo, ou um “eu real”, mas que é formado e modificado “num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem.” (HALL, 2001, p. 11). Antes de mais nada, o eu existe por interação. Diferentemente do que era pensado até o Iluminismo, o eu não é algo sólido e biológico, mas social e histórico. A sua formação se dá com o tempo e não

simplesmente como algo inato e imóvel. Percebe-se, com isso que há uma fragmentação da identidade do sujeito ao interagir com o mundo externo.

Dessa maneira, segundo Stuart Hall, o sujeito “assume” ao longo de sua vida identidades e não mais constrói apenas uma identidade. “A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.” (HALL, 2001, p. 39). É dessa necessidade do outro que a identidade do sujeito vai ser construída, da mesma forma que é impossível falar em apenas uma identidade; melhor seria pensar a partir do plural, *identidades*, pois o sujeito está constantemente em contato com outros. Seguindo o raciocínio do sociólogo jamaicano, se está em contato com o exterior, logo o eu “desenvolve”, “cria” sua identidade a partir do olhar do outro externo a si, ou melhor, daquilo que imagina que o outro vê. Consoante Hall, a formação das identidades do sujeito está relacionada ao contato com o externo a si, da mesma forma com que percebe e vê o outro. Logo, a formação da identidade se dá no estranhamento que o espaço e o outro possibilitam ao sujeito sentir, sendo caracterizada, dessa forma como relacional. “A identidade é, assim, marcada pela diferença.” (WOODWARD, 2014, p. 9). Em outras palavras, antes do sujeito afirmar quem ele é, ele precisa dizer o que não é em relação a outros diferentes de si.

Mas como afirmar uma identidade em um país diferente? Com pessoas, hábitos, cultura, língua diferentes? Dentro dessa ótica, mas voltando o olhar para o brasileiro, Nelson Vieira dá uma possível resposta,

o país estrangeiro não aceita necessariamente ideias ou costumes brasileiros, porque a literatura mostra que protagonistas (brasileiros) estão verdadeiramente “fora do seu próprio lugar” e, realmente, estão noutro lugar que os ignora chauvinisticamente, porque não representam uma cultura muito reconhecida e suficientemente prestigiosa como as da Europa. (2016, p. 51).

A partir da análise de alguns romances que representam personagens migrantes, Vieira percebe que o brasileiro não é aceito e que é ignorado. Conflitos culturais começam a surgir e daí a discussão entre migração e identidade é acionada. Uma vez que a sociedade moderna está constantemente sendo deslocada e no lugar do centro único que havia há uma constante descentralização e deslocamento por diversas forças externas a si mesma, uma dessas seria a migração, o sujeito não se percebe como um eu que possui uma fixidez. Dentro dessa constante mudança e deslocamento, o eu tem dificuldade para formar sua identidade. “Uma estrutura deslocada é aquela cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por ‘uma pluralidade de centros de poder’.” (HALL, 2001, p. 16). A dificuldade desse sujeito migrante dentro de uma sociedade plural é difícil ainda mais quando vem de um exterior e que não é aceito pelos outros sujeitos que pertencem àquele lugar.

Especificamente sobre esse diálogo entre Portugal e Brasil, o pensador português Eduardo Lourenço, na obra *A nau de Ícaro*, dedica uma seção a artigos, num espaço temporal entre os anos 80 e 90, que exploram as (não) relações entre os dois países. Lourenço tem sido uma das grandes vozes a desafiar as lacunas nem sempre silenciosas entre ex-colonizador e ex-colônia. Recentemente, foi lançada outra obra que reúne um bom número de textos do autor sobre o Brasil. Chamada *Do Brasil, fascínio e miragem*, a antologia traz artigos do final dos anos 1950 até os dias de hoje. Em todos eles, o escritor sublinha a existência de um *não laço* entre Brasil e Portugal. O filósofo é enfático ao ressaltar a dificuldade de aproximação entre duas nações tão diversas, uma vez que se

desenham de formas, naturezas, concepções e grandezas absolutamente distintas. Lourenço ainda chama a atenção para uma *dissemetria* entre as duas nações: a grandeza do país sul-americano frente à pequenez do europeu. Outro ponto bastante recorrente nas discussões de Lourenço é o que o autor chama de uma espécie de ressentimento contínuo dos portugueses frente aos brasileiros, como se esses últimos devessem favores eternos por terem sido ‘criados’ pelos primeiros. Ele afirma: “Os portugueses insinuam que a realidade brasileira é antes mais a sua própria contribuição e realidade” (LOURENÇO, 2015, p. 89). Acrescente-se a isso o fato de o brasileiro carregar uma série de imagens: os estereótipos. Num país como Portugal, em que o brasileiro tem forte presença como imigrante, acaba-se por generalizar seu comportamento e seus hábitos. Rasura-se a individualidade e mentalmente faz-se uma atribuição de qualidades àquilo que seria *pretensamente* um grupo. Robert Stam refere-se, aliás, ao estereótipo, como “uma espécie de atalho mental”, ou seja, “os estereótipos constituem um instrumento pelo qual as pessoas caracterizam, de maneira necessariamente esquemática, outro grupo com o qual estão apenas parcialmente familiarizadas” (STAM, 2008, p. 456).

A personagem de Ruffato transita por esse espaço de tensão, em que sobrevivem vestígios colonialistas. “Pensar o espaço implica, portanto, pensar a maneira como os sujeitos o praticam: sua situação, localização e/ou habitação.” (DALCASTAGNÈ, 2014, p. 33). E a partir dessa perspectiva espacial, do deslocamento de Serginho enquanto migrante é que será analisada a obra *Estive em Lisboa e lembrei de você*.

Os deslocamentos de Serginho

A narrativa está dividida em dois capítulos: *Como parei de fumar e como voltei a fumar*. No primeiro, Serginho conta como foi a sua decisão de ir para Portugal, suas motivações, desilusões e certo incentivo que a cidade onde vivia lhe deu para que fosse se aventurar para fora do país. Nesse contexto de cidade do interior de Minas Gerais, Cataguases, onde todos se conhecem, onde toda novidade é logo sabida por toda a população, Sérgio de Souza Sampaio decide sair do Brasil depois de entrar em contato com um contrabandista de cigarros que conhece quando vai a São Paulo com sua irmã, “e, acho que, naquele dia, pela primeira vez, me roeu uma vontade danada de viajar pra-fora, invejoso da ladinice do fulano.” (RUFFATO, 2009, p. 17). Mais tarde, quando é demitido e questionado por todos a respeito do que faria então de sua vida, ele não hesita em dizer que vai para Portugal tentar algo melhor, conforme havia lhe incentivado o seu Oliveira. Seu Oliveira é dono de um bar, veio e ficou no Brasil e agora aconselha Serginho a ir para lá; ele aponta as maravilhas e as oportunidades que os brasileiros possuem em Portugal. A partir da tomada de decisão, Serginho é visto por todos “com outros olhos”, pois demonstra uma grande coragem por sair dali. Ao mesmo tempo, ele compreende o lugar onde está e, simultaneamente, as pessoas da sua cidade também começam a lhe admirar. Por outro lado, as dúvidas também surgem e assustam-no, ao dar-se conta de que irá para um lugar onde não conhece ninguém. Ele parte apenas com um dinheiro que tinha na poupança, mais um pouco da herança que os pais deixaram e que foi dividida com a irmã. Esse primeiro capítulo termina com a viagem de Serginho para Portugal.

Já o segundo, *Como voltei a fumar*, inicia com a chegada de Serginho em Portugal, o reconhecimento dele em uma terra em que nem todos simpatizam com os brasileiros e a percepção de que está sozinho. Por mais que em Cataguases também não tivesse ninguém, em Portugal as pessoas que via na rua eram estranhas, diferentemente da cidade do interior de Minas. Em Lisboa, tenta procurar o contato que seu Oliveira lhe deu, mas desiste ao não encontrar aquele endereço. Mais tarde, arrepende-se ao descobrir que a cidade daquele endereço não era Lisboa, mas Porto. Conforme sai de seu quarto, vai conhecendo algumas

pessoas e logo arranja um trabalho em um restaurante. Nesse espaço, outros migrantes se juntam a ele e conflitos por disputa de dinheiro e por reconhecimento começam a surgir, levando, mais tarde, para a sua demissão.

O grande conflito nessa segunda parte do livro começa quando Serginho conhece Sheila, uma prostituta brasileira, de Goiás, que tinha ido para Portugal na tentativa de conseguir dinheiro e voltar para o Brasil com uma condição melhor de vida (da mesma forma que Serginho). Ao perceber que suas motivações eram similares, os dois se aproximam. Após algum tempo de envolvimento, Sheila pede a ele que o acompanhe até “Oeiras, onde ia ter com *uma pessoa*, ‘Faz isso por mim?’, apertando minha mão, aflitiva [...]” (RUFFATO, 2009, p. 74). No encontro com um homem estranho, Sheila pede dinheiro emprestado e oferece o seu passaporte como garantia, mas não é suficiente. Serginho, então, para ajudar, oferece o seu. Quando conversa com Rodolfo, amigo que está há mais tempo em Lisboa, percebe o erro que cometera ao se envolver com a prostituta, pois segundo o amigo, a grande maioria delas faz parte de uma máfia e que muitas vezes o que há por trás é violência, escravidão e drogas. Após isso, Serginho percebe que está perdido, ilegal e teria que se acostumar com a nova vida em um país muitas vezes hostil aos brasileiros. Depois de tudo isso, decide voltar a fumar.

Serginho é uma personagem que se constitui a partir dos espaços em que circula, seja em Cataguases, seja em Lisboa. Nesta última, ele está perdido, deslocado de seu lugar, uma vez que “essa distinção entre ver e viver a cidade, ou entre ler e escrevê-la, parece pertinente quando o objetivo é justamente entender personagens que se constituem, e constituem seu espaço, a partir de seus muitos deslocamentos.” (DALCASTAGNÈ, 2014, p. 31). Serginho vai ser entendido quando for visto a partir de si e do local em que está inserido, para, dessa forma, ser “decifrada” a constituição da sua identidade ou a falta dela, ao mesmo tempo em que o seu deslocamento para fora do Brasil está caracterizado por locais instáveis.

Em Cataguases, quando decide sair do Brasil, ele circula e vai dizendo o nome dos bairros e das pessoas que por ali transitam, da mesma forma que nesses lugares possui memórias e lembranças da sua infância e adolescência, “[...] a 125 chacoalhava pelos paralelepípedos da Santa Clara, Ibraim, Beira-Rio, Paraíso, Dico Leite, Vila Minalda, Vila Teresa, o povo acenando, cobiçoso da minha aventura, ‘Aí, Serginho, indo pra Portugal, heim!’, e dia a dia mais me saudavam em público [...]” (RUFFATO, 2009, p. 31). Todos esses lugares vão constituindo a identidade de Serginho ao longo do primeiro capítulo da narrativa, pois ao circular por ali e ao narrar os seus nomes, ele, de fato, vive a cidade, e ao descrevê-la, coloca-se como fazendo parte daquela geografia do interior de Minas. O seu deslocamento se dá em uma parte da cidade mais humilde, e sonha em comprar uma casa numa região mais nobre com o dinheiro que, supostamente, conseguirá trabalhando em Lisboa.

Já os espaços em Lisboa pelos quais Serginho transita são instáveis, na maioria praças, estações de ônibus ou de metrô e hotéis. Como afirma Leonardo Tonus,

O estado de clandestinidade implica um deslocamento voluntário (ou involuntário) do sujeito em direção a um espaço que o abriga temporária ou definitivamente e com o qual ele estabelece relações de inclusão e exclusão, de vizinhança e distanciamento, de proximidade e de lateralidade. A contradição do estado de clandestinidade repousa justamente nesta relação metonímica que o sujeito entretém com o espaço de qual é oriundo e com aquele onde passa a residir. (TONUS, 2015, p. 141).

O lugar que Serginho fica é uma “pensãozinha barata”, o que demonstra instabilidade. A falta de um lugar propriamente seu reflete a sua inconstância e

vulnerabilidade naquele espaço, pois por mais que pague para ficar ali ele nunca será dono daquele quartinho. Além disso, não é bem tratado pela mulher do dono da pensão.

O seu Seabra exigiu pagamento adiantado, e, capengando, subiu a escada de madeira, apontou o banheiro comum no fim do corredor, pro *banho* e pras *necessidades*, mostrou o quarto minúsculo, limpo, mas fedendo a naftalina, cama-de-solteiro e guarda-roupa, afastou a cortina da janela e alardeou a vista [...]. (RUFFATO, 2009, p. 41).

Ao comparar Cataguases e Lisboa é evidente a distância não apenas geográfica, mas também no modo como influenciam as decisões e, por conseguinte, os caminhos que Serginho toma. Cidades completamente diferentes se vistas a partir da centralidade de Lisboa em relação à marginalidade da outra. Serginho sai de uma cidade marginal (que não está no centro, mas faz parte do interior) e que ali ele era o centro, possuía identidade; para morar em uma cidade que é central (Lisboa), onde, ao contrário de Cataguases, ele é marginal, clandestino, não está e nem deve estar no centro das atenções, precisa ficar escondido e excluído.

No entanto, a identidade de Serginho se constitui na clandestinidade. O deslocamento da personagem para Portugal faz com que ele não tenha uma identidade conforme a do Brasil, mas seja agora um clandestino. Afirma Ruben Oliven:

Embora sejam entidades abstratas, as identidades – na qualidade de propriedades distintivas que diferenciam e especificam grupos sociais – precisam ser moldadas de vivências cotidianas. Assim como a relação com os pais nos primeiros anos de vida é determinante na construção da identidade individual, as primeiras vivências e socializações culturais são cruciais para a construção de identidades sociais, sejam elas étnicas, religiosas, regionais ou nacionais. (OLIVEN, 2016, p. 140).

E é em meio a essas relações que Serginho vai construindo sua identidade (ou identidades) no contato com portugueses, imigrantes, prostitutas e alguns poetas, identidades essas marcadas pelo deslocamento. “O Rodolfo avivou a conversa, ‘Nós estamos lascados, Serginho’, aqui em Portugal não somos nada, ‘Nem nome temos’, somos os *brasileiros*, ‘E o que a gente é no Brasil?’, nada também, somos *os outros* [...]” (RUFFATO, 2009, p. 78). É no contato com Rodolfo que Serginho vai se dando conta da sua condição ali. Talvez, seja a relação cotidiana de Serginho que mais o ajuda a moldar a sua identidade em Portugal.

Mas o grande marco na narrativa para que Serginho rasure a sua identidade é a perda de seu passaporte. Ao longo de sua jornada em Portugal, não acontecem experiências de alteridade, Serginho não é reconhecido pelos Portugueses como um outro, mas o tempo todo como um estranho, mais um brasileiro que está tentando ganhar a vida na Europa. Ele chega em Portugal de forma legal, mas ao ter contato com Sheila perde a sua legalidade e alteridade (material) no território. Como afirma Tonus, “no universo da clandestinidade a experiência da alteridade é nula, uma vez ⁱⁱque o não-reconhecimento legal do sujeito nega-lhe a possibilidade de se tornar ‘outro’.” (TONUS, 2015, p. 142). Uma vez que na relação de alteridade ele não é outro para alguém, ele também deixa de ser um *eu*. Ao perder o seu passaporte, Serginho perde também o seu nome, marca significativa, pois para quase ninguém ele é Sérgio. Em alguns momentos da narrativa ele se imagina voltando para Cataguases diferente, inclusive com um pronome de tratamento diferente, não mais com o diminutivo: “Boa tarde, Serginho, Serginho, não, seu Sérgio, Boa tarde, seu Sérgio, não, não, Doutor Sérgio, Boa tarde, Doutor Sérgio, quem sabe candidatar a vereador, entrar pro Rotary ou pro Lions, virar gente importante [...]” (RUFFATO, 2009, p. 57). O que fica

claro é que ao se imaginar voltando de Portugal com dinheiro e ao adquirir casas para viver de aluguel, ele ganharia um prestígio que nunca teve. O retorno de Portugal lhe daria um status que nunca teve. Serginho é Sérgio somente na nota que abre o romance. Ao olhar para essa nota, a obra possuiria, em certo sentido, caráter documental, uma vez que inicia com um comentário de L. R. dizendo:

O que segue é o depoimento, minimamente editado, de Sérgio de Souza Sampaio, nascido em Cataguases (MG) em 7 de agosto de 1969, gravado em quatro sessões, nas tardes de sábado dos dias 9, 16, 23 e 30 de julho de 2005, nas dependências do Solar dos Galegos, localizado no alto das escadinhas da Calçada do Duque, zona histórica de Lisboa. A Paulo Nogueira, que me apresentou a Serginho em Portugal, e a Gilmar Santana, que o conheci no Brasil, oferto este livro. (RUFFATO, 2009, p. 13).

A personagem possui nome completo, local de origem simbólico e determinado, no entanto, conforme a nota, não está na sua cidade. Na época da gravação, a personagem possui 35 anos.

Outro dado importante sobre Serginho diz respeito à modificação de sua subjetividade.

A clandestinidade constitui menos a evasão do sujeito do que a modificação de uma subjetividade em relação aos espaços que frequenta, sejam eles centrais, estáveis, periféricos ou marcados pela precariedade (aeroportos, squats, campos de refugiados, artefatos literários censurados etc.). (TONUS, 2015, p. 142).

Desde o momento em que decide sair do Brasil, Serginho começa a frequentar espaços que não eram comuns à sua rotina, como a Polícia Federal, o aeroporto, a rodoviária (apenas algumas vezes quando ia com a irmã para São Paulo ou nas vezes em que foi para o Rio de Janeiro). De qualquer forma, em Portugal, a personagem começa a frequentar prostíbulos e a morar em uma pensão, locais que não faziam parte de sua vida e que contrastam com os espaços de casas de famílias e de bares em que encontrava seus amigos. Os espaços de Lisboa são marcadamente diferentes dos de Cataguases; ele circula pelas ruas e não conhece ninguém, nem consegue identificar os seus nomes.

[...] ele apontava um prédio, uma paisagem, um beco, e explicava, mas eu não entendia quase nada, ele na frente, o rosto embrulhado num cachecol, as palavras saíam abafadas, se perdiam, eu, atrás, ouvia apenas “Aqui é o”, “Lá embaixo, está vendo?, é a”, “O povo daqui é”, “Você tem que tomar cuidado com”, “Olha o”. (RUFFATO, 2009, p. 47).

Em Lisboa ele convive no entre-lugar e com pessoas que compõem e caracterizam esses espaços. Um exemplo é Lopo Garcia, “‘Não-figura’ do ‘sem-lugar’, ele habita os interstícios dos espaços antropológicos fomentadores de identidades (oponentes públicos, terroristas e anarquistas), bem como os ‘não-lugares’ marcados pelas perdas dos marcos identitários (migrantes clandestinos, refugiados ilegais e desertores)”. (TONUS, 2015, p. 142). Lopo Garcia era o poeta respeitado e admirado por todos que frequentavam uma tasca; apenas Serginho não o conhecia.

“O Lopo Garcia?! É a Ideia Viva de Portugal”, “O Mais Capaz de Todos os Concidadãos”, “A Alma Ambulante da Vida Cultural Portuguesa”, e que só desculpava minha *ignorância* porque eu era brasileiro, mas que anotasse o nome, pois muito ainda “Haverá de ouvir dele”, que estava tramando o “Grande Livro”, que ia ocupar com destaque todas as **montras** das livrarias, um negócio

definitivo, e, vermelho, sem fôlego, achei que ele ia ter um troço. (RUFFATO, 2009, p. 51).

Lopo Garcia, ao final, após ser desmistificado por seu Carrilho, que afirma que todos em Portugal são poetas e que aquele não passa de mais um que se sustenta apenas de passado, é preso na frente da igreja da Sé ao fazer discursos sobre a importância de Portugal para a comunidade europeia.

Por fim, a diferença cultural também contribui para o distanciamento entre as realidades brasileira e portuguesa. A linguagem é uma das marcas que contribui para o deslocamento identitário durante todo o romance. O sotaque do interior de Minas Gerais é claramente marcado ao longo da fala de Serginho e realçado no contato com os portugueses,

[...] “Enuncie alguma coisa, ó brasileiro, quero ouvir a música da tua fala”, e eu, que nunca cantei, expliquei, “Rapaz, sou passarim na muda!”, e ele, curioso, indagou da minha região, porque não compreendia *patavina* do meu sotaque, “De Cataguases, Minas Gerais, terra de gente ordeira e trabalhadora”, respondi, e ele gargalhou, e os comensais **troçaram**, e até eu ri para agradecer o Poeta. Daí, todas as vezes que me via, requeria que eu palestrassem um pouquinho com o pessoal pra escutar meu **acento** e se divertir, “Estes brasileiros!”, no que, após, contente, recuperava o debate com seus pares. (RUFFATO, 2009, p. 50-51).

Muitas vezes o português brasileiro é considerado uma língua diferente do português de Portugal, “‘Você é brasileiro?’”, confirmou, e, satisfeito, eu disse, ‘Puxa vida, que bom encontrar alguém que fala a mesma língua da gente’ [...]”. (RUFFATO, 2009, p. 46). Além da linguagem, essa diferença de culturas fica evidente quando Serginho e Sheila procuram em Lisboa algum lugar que sirva arroz e feijão, “[...] Impossível! arroz aqui tem vergonha, nunca anda desacompanhado, é **arroz de pato, arroz de marisco, arroz de gambas, arroz de polvo, arroz de tamboril**, e, feijão-preto, então, Complicado!”. (RUFFATO, 2009, p. 63). Todas essas diferenças acentuam a “produção” ou “criação” de uma identidade nova para Serginho. Conforme Hall (2001), a identidade é produzida no contato com o outro, no reconhecimento da diferença do outro ou do espaço que circunda o eu. E o que acontece com Serginho não é diferente, pois ao se distanciar da sua cidade, ao entrar em contato com pessoas que são muito diferentes de si, ao ir morar em Lisboa e conviver com uma série de diferenças culturais e sociais, a sua identidade também é alterada e modificada.

Considerações finais

Estive em Lisboa e lembrei de você é uma narrativa que possibilita ao leitor estar no lugar do outro, sentir as mesmas angústias do imigrante e conviver com a força cultural de um país estrangeiro que possui sobre um sujeito deslocado. Serginho é apenas um no meio de uma multidão de portugueses e outros imigrantes que, assim como ele, também estão nesse conflito de identidades e em um jogo simbólico por espaço e reconhecimento, em um país em crise econômica.

A respeito da *identidade*, o que se percebe é que ela é moldada a partir do contato com o externo. Ao voltar-se para as teorias de Stuart Hall, Kathryn Woodward, Eric Landowski, entre outros, os teóricos percebem a importância que as diferenças identitárias possuem para a formação de uma identidade. Sem esse contato com o outro não é possível o reconhecimento de um eu. Nesse jogo de alteridades é que a identidade do sujeito se forma. Sem esse contato o eu não se percebe enquanto sujeito e, muito menos, vai ter a capacidade para se ver como um outro de um eu.

Serginho, ao sair de Cataguases e ir para Lisboa, várias vezes precisa fazer esse jogo de alteridade para poder construir a sua identidade. Por fim, a identidade que ele constrói é a de um imigrante ilegal, como outros que ali estão na mesma condição, “No desespero, fugi clandestino do Hotel do Vizeu e homiziei no apartamento do Rodolfo, na Damaia, até o Jerê conseguir me arrumar uma vaga numa pensãozinha sem nome na Buraca e um emprego de ajudante de pedreiro na construção de um conjunto habitacional na Amadora.” (RUFFATO, 2009, p. 83). Quando se percebe assim, a única solução que encontra é voltar a fumar e se conformar com a situação em que está.

Displacement of identity in *Estive em Lisboa e lembrei de você*, by Luiz Ruffato

ABSTRACT: The present text intends to analyze the identity, more precisely, the changes caused by the displacement of country in the identity of the character Serginho, in *Estive em Lisboa e lembrei de você*. In a comparative way, between the two parts of the novel, it expects to understand how space influences this identity shift from theorists who discuss the concepts of identity and displacement.

Keywords: identity; displacement; space; contemporary Brazilian literature.

* Doutorando e Mestre em Letras, na área de Teoria da Literatura, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Possui graduação em Filosofia pelo Instituto Maria Mater Ecclesiae (2012) e graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade Feevale (2016). Atualmente é professor da Escola Cenáculo. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: alteridade, literatura brasileira, violência e cinema.

** Doutor em Letras pela UFRGS (2008), ênfase em Literatura Portuguesa Contemporânea. Em 2016, realizou pesquisa Pós-Doutoral no Centro de Estudos Comparatistas, na Universidade de Lisboa, com bolsa CAPES. É coordenador do curso de graduação em Letras – Português e Literatura e do Núcleo de Pesquisa Interdisciplinar de Literaturas em Língua Portuguesa e líder do grupo de pesquisa Cartografias Narrativas em Língua Portuguesa: redes e enredos de subjetividade (CNPq).

ⁱ “Contam-se pelos dedos de uma só mão os portugueses que sabem até que ponto o Brasil é um país para o qual a antiga mãe-pátria Portugal não passa de um ponto vago num mapa” (LOURENÇO, 2001, p. 146).

REFERÊNCIAS

DASLCASTAGNÈ, Regina. Deslocamentos urbanos na literatura brasileira contemporânea. *Brasiliiana – Journal for Brazilian Studies*. V. 3, n. 1, p. 31-47, jul. 2014.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LOURENÇO, Eduardo. *Do Brasil: Fascínio e Miragem*. Lisboa: Gradiva, 2015.

OLIVEN, Ruben George. A atualidade da nação. In: JÚNIOR, Brasília Sallum. SCHWARCZ, Lilia Moritz. VIDAL, Diana. CATANI, Afrânio. (Orgs.) *Identities*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016, p. 125-142.

RUFFATO, Luiz. *Estive em Lisboa e lembrei de você*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

STAM, Robert. Os potenciais da polifonia: reflexões sobre raça e representação. In: *Multiculturalismo tropical*. São Paulo: EdUSP, 2008.

TONUS, José Leonardo. Espaços *na* e *da* clandestinidade. In. DALCASTAGNÈ, Regina. AZEVEDO, Luciene. (Orgs.) *Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Zouk, 2015, p. 139-156.

VIEIRA, Nelson H. Fora do Brasil – globalização e deslocamento na literatura brasileira contemporânea: migração transnacional e luto cultural. In. NETO, Godofredo de Oliveira. CHIARELLI, Stefania. (Orgs.) *Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016, p. 48-63.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In. SILVA, Tomas Tadeu da. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15.ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 7-72.